

APOCALIPSE 4 E 5 NA TEOLOGIA ADVENTISTA

Milton L. Torres

Mestre em Lingüística, UFBA.

Professor de Português e Grego

no SALT-IAENE.

Introdução

Quaisquer estudos realizados em escatologia bíblica pressupõem um posicionamento acerca de que filosofia de análise escatológica se adota. Tradicionalmente, três correntes principais se sobressaem: o preterismo (ou criticismo histórico), o futurismo e o historicismo.¹ Recentemente, todavia, a chamada Teoria da Filosofia da História tem também obtido certa proeminência.

A posição preterista considera que as profecias de Daniel e Apocalipse se cumpriram nos eventos ocorridos, na Palestina, entre o século II a.C. e o século I A.D.² Enquanto isso, o futurismo postula alguns desses cumprimentos para esse período, mas outros cumprimentos para os momentos finais da história deste planeta, sem cogitar em quaisquer cumprimentos para o intervalo entre esses dois períodos.

O historicismo³, por outro lado, aceita, de acordo com F. B. Holbrook, "a premissa de que as profecias de Daniel e Apocalipse destinam-se a se desdobrar e achar cumprimento no tempo histórico - no intervalo entre os profetas Daniel e João, respectivamente, e o estabelecimento último do eterno reino de Deus."⁴

A Filosofia da História, conforme definida por Strand, "é um tipo global de interpretação que parece inserir-se prontamente dentro do escopo da perspectiva histórica da apocalíptica."⁵ Usando o conceito de que a história se repete, essa abordagem leva em consideração tanto o evento histórico quanto seu

¹ Modernamente, podem ser mencionadas, ainda, correntes como Simbolismo, Dramaticismo, Idealismo, Filosofia do Valor. Teoria do Cumprimento Recorrente, Alegorismo, etc. Cf. Kenneth Strand, *Perspectives in the Book of Revelation: Essays on Apocalyptic Interpretation* (Worthington, Ohio: Ann Arbor, 1975), 29-32. Os principais nomes ligados a essas correntes são: E. W. Benson, Raymond Calkins e William Milligan. Conf. Kenneth A. Strand, *Interpreting the Book of Revelation: Hermeneutical Guidelines, With Brief Introduction to Literary Analysis* (Worthington, Ohio: Ann Arbor, 1979), 2ª edição, 14.

² Os grandes autores preteristas do passado foram Luis de Alcazar, um jesuíta de Sevilla, na Espanha; e os escritores protestantes conservadores como Moses Stuart, I. T. Beckwith e H. B. Swete. Atualmente, os principais preteristas são eruditos liberais que vêem o Apocalipse essencialmente como um reflexo circunstancial da época de João.

³ Em épocas passadas, muitos comentaristas subscreveram a essa teoria: Adam Clarke, Albert Barnes, E. B. Elliot (historicistas lineares), William Hendriksen, S. L. Morris e Uriah Smith (historicistas recaptulacionistas), cf. Strand, *Perspectives...*, 44-45.

⁴ F. B. Holbrook, "Issues in the Book of Revelation". *Ministry* (Janeiro de 1991), 9.

⁵ Strand, *Perspectives...*, 29.

desenvolvimento, isto é, a Filosofia da História aceita que uma mesma profecia possa se cumprir em mais de uma situação ou contexto.⁶ Há, nessa perspectiva, alguns elementos do preterismo, mas com o predomínio dos elementos pertencentes ao historicismo.⁷

Neste artigo, intenciona-se analisar as possibilidades de interpretação dos capítulos 4 e 5 de Apocalipse dentro do arcabouço do historicismo e/ou da filosofia da história.

Características Literárias do Apocalipse: Intertextualidade, Tipologia e Simbologia

Uma das características marcantes da maneira em que os escritores do Novo Testamento (doravante, NT) produzem sua literatura é a interrelação que se percebe entre o seu texto e outros textos produzidos por escritores anteriores. Essa característica não é exclusiva dos textos sagrados, pois ela pode ser percebida nas diferentes literaturas produzidas ao longo da história.⁸ Por isso, pode-se dizer que não se trata de um fenômeno ligado à inspiração, mas ao procedimento literário. Assim, o escritor neo-testamentário não escreve no vácuo, mas leva em consideração a experiência que seus leitores em potencial têm em relação aos textos do Antigo Testamento (doravante, AT).

Essa intertextualidade se concretiza no NT sob a forma de referências ao AT, isto é, como evocações ao texto ou aos símbolos vetero-testamentários. A intertextualidade no NT tem um outro componente que tampouco é alheio a suas manifestações em outras literaturas, a saber, a dependência de textos escritos em outras línguas.⁹

O texto vetero-testamentário se materializava sob a forma de duas fontes muito importantes: o texto hebraico e a Septuaginta (doravante, LXX), versão grega do AT realizada por sábios judeus, por ordem dos especialistas da Biblioteca de Alexandria, cerca de 300 anos a.C. O texto hebraico era ainda um tanto instável à época de escritura do NT, mas depois se fixaria no chamado Texto Massorético (doravante, TM); o texto septuagíntico era mais estável e

⁶ Os principais representantes dessa corrente são: D. T. Niles, Paul S. Minear e Kenneth A. Strand. Cf. Strand, *Interpreting...*, 38.

⁷ Cf. Strand, *Perspectives...*, 29.

⁸ Umberto Eco, por exemplo, quando produziu seu *O Nome da Rosa*, buscou elementos nas histórias de Sherlock Holmes. Bento Teixeira, quando produziu *Prosopopéia*, lidou com elementos semelhantes aos de *Os Lusíadas*. Mário de Andrade, por sua vez, recheou sua obra-prima *Macunaíma*, *Herói Sem Caráter Algum* com elementos subtraídos de *Peer Gynt*, *o Imperador de Si Mesmo*, de Ibsen.

⁹ Para uma interpretação mais radical do fenômeno da intertextualidade na Bíblia, ver: Danna Nolan Fewell (ed.), *Reading Between Texts: Intertextuality and the Hebrew Bible* (Louisville, Kentucky: John Knox, 1992).

tinha a vantagem de ser escrito na língua grega, a língua franca daquela época.

As referências feitas pelos autores neo-testamentários eram basicamente oriundas de uma dessas duas fontes e podem ser divididas em dois grupos principais:

- a) citações (que são a repetição aproximadamente literal das palavras encontradas no texto do AT); e
- b) alusões (que são referências aos símbolos, terminologia, personagens ou episódios do AT).

Esse processo de referências não foi homogêneo. As citações, por exemplo, podem ser divididas, quanto a sua fonte, nos seguintes grupos:¹⁰

- a) as que concordam tanto com o texto hebraico do AT quanto com a LXX;
- b) aquelas que concordam com a LXX, mas diferem do texto hebraico;
- c) aquelas que concordam com o texto hebraico, mas discordam da LXX;
- d) aquelas que discordam tanto da LXX quanto do texto hebraico.¹¹

Segundo um levantamento realizado por Turpie,¹² das 278 citações do AT presentes no NT, 53 concordam com ambas as fontes; 10 concordam somente com o texto hebraico; 37, somente com a LXX; e 175 discordam de ambos. Sua conclusão é que, em 64% das citações vetero-testamentárias presentes no NT, os escritores empregam uma outra fonte que não o texto hebraico ou a LXX.

Logicamente, esse perfil varia de autor para autor. As citações de Marcos e Mateus se conformam à LXX (embora este último não a siga quando não cita literalmente; isto é, Mateus parece seguir um texto diferente em suas alusões). O Evangelho de João, por sua vez, é mais fiel ao texto hebraico. A conclusão de Paulien é que o texto de background para o NT deve ser estabelecido livro por livro.¹³

O Apocalipse, apesar de apresentar características que fazem dele um livro singular, é, em muitos sentidos, como os demais livros do NT: ele tampouco está isento de fenômenos peculiares à forma literária como, por exemplo, a estrutura narrativa¹⁴ e a intertextualidade. No que diz respeito à intertextualidade, João cita

¹⁰ Crawford H. Toy, *Quotations in the New Testament*. (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1884). p. ix. Citado por Jon Paulien, *Decoding Revelation's Trumpets: Literary Allusions and the Interpretation of Revelation 8:7-12*.

¹¹ Essa última categoria pode, ainda, ser subdividida em:

- a) passagens que discordam tanto da LXX quanto do texto hebraico, mas concordam entre si;
- b) passagens que discordam tanto da LXX quanto do texto hebraico, e também entre si.

¹² David M. Turpie, *The New Testament View of the Old*. (Londres: Hodder & Stoughton, 1872), p. xvi. Citado em Paulien, 95. Algo que nem Turpie nem tampouco Paulien (que o cita) levaram em consideração é que os estudos crítico-textuais da LXX à época (isto é, à época de Turpie) se encontravam demasiadamente incipientes e, por isso, suas conclusões precisam ser validadas hoje com um estudo mais acurado e metodologicamente mais atualizado.

¹³ Paulien, 97.

¹⁴ Para uma melhor compreensão da estrutura narrativa como fenômeno literário no livro de

e alude, com freqüência, ao universo literário do AT como forma de fundamentar as estruturas que esboça para suas previsões escatológicas.

Além disso, o Apocalipse também depende de um texto básico vetero-testamentário, embora o faça mais em relação a um outro texto que não a LXX ou o texto hebraico. Segundo Trudinger, suas citações e alusões parecem ter uma afinidade muito maior com os targums aramaicos.¹⁵ Mesmo quando João usa a LXX ou o texto hebraico, ele emprega este último cerca de quatro vezes mais do que o da LXX.

Outros parâmetros de intertextualidade observados em Apocalipse são: (a) João raramente cita literalmente, mas prefere usar alusões (aparentemente tomadas de memória) que ampliam o significado original; e (b) ao contrário de Mateus, por exemplo, João só identifica a fonte de sua referência uma única vez (em 15:3). Por essas razões, Paulien declara que é muito difícil estabelecer, de fato, quando João, no livro de Apocalipse, está fazendo uma referência ao AT.¹⁶

Por outro lado, de todas as imagens vetero-testamentárias presentes no Apocalipse, uma se destaca: a imagem do Culto Hebraico. O simbolismo do santuário parece permear tudo o que João viu na ilha de Patmos. Por isso, uma maior compreensão acerca desse elemento intertextual pode levar, simultaneamente, a uma maior compreensão acerca do livro como um todo. Treiyer afirma que, no livro de Apocalipse, as referências cúlticas se fazem principalmente em relação ao templo de Salomão, enquanto que, no livro de Hebreus, ao tabernáculo do Pentateuco.¹⁷ O culto hebraico era centrado nos ritos e festivais do sistema do templo/santuário.

Tal sistema se caracterizava por uma tipologia que prefigurava o plano da salvação segundo explicitado na pessoa de Cristo Jesus e Seu ministério. A definição pós-crítica de tipologia declara que ela é simplesmente o estudo das correspondências históricas entre as pessoas, eventos e instituições do AT e do NT, reconhecidas retrospectivamente dentro da consistente revelação de Deus na história.¹⁸ No entanto, tipologia, segundo Richard M. Davidson, é mais do que isso: trata-se de “prefigurações divinamente designadas (sob a forma de pessoas/eventos/instituições) que apontam para seu cumprimento antitípico em Cristo e nas realidades evangélicas por Ele construídas.”¹⁹ Assim, como as visões

Apocalipse, ver: M. Eugene Boring, “Narrative Christology in the Apocalypse.” Em *The Catholic Biblical Quarterly*, outubro de 1992, 702-723.

¹⁵ Paul Trudinger, *The Text of the Old Testament in the Book of Revelation* (Boston: Boston University, 1963), 184-189. Citado por Paulien, 98.

¹⁶ Paulien, 105.

¹⁷ Treiyer, 472.

¹⁸ Davidson rejeita esse conceito de neotipologia. Cf. Richard M. Davidson, “Sanctuary Typology”. Em: Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1992), 99-130. Livro 1, 127.

¹⁹ *Ibid.*, 99.

apocalípticas de João se relacionam diretamente com os elementos cúlticos do templo de Salomão, essa tipologia é vividamente percebida em seu relato.²⁰

A literatura, como manifestação artística, lança mão, com freqüência, de uma imagística que lhe amplia o poder de sensibilizar e persuadir. Essa imagística se concretiza amiúde sob a forma de figuras de linguagem. O Apocalipse de João, ainda que literatura inspirada, também apresenta como característica fundamental o emprego de imagística – o Apocalipse a concretiza sob a forma de símbolos.

O termo símbolo se emprega aqui como “qualquer descrição que se destina a representar algo diferente do que normalmente designa ou denota.”²¹ É, portanto, uma definição mais específica do que aquela que considera qualquer manifestação da linguagem como simbólica.

O símbolo é, de acordo com Enrique Becerra, “um signo que sugere significado, mais do que o declara,”²² podendo representar algo passado, presente ou futuro. Um tipo tem uma limitação básica quanto ao tempo, mas um símbolo não: um leão, por exemplo, como símbolo de poder não faz necessariamente uma predição quanto ao futuro.

Os símbolos apocalípticos são empregados pelas seguintes razões:

- a) proteção, isto é, os símbolos protegem a comunidade que os emprega de qualquer discriminação ou recriminação por causa da mensagem que veiculam;
- b) ilustração, isto é, os símbolos são impressionantes e facilitam a assimilação da mensagem que transmitem;
- c) tradição, isto é, os símbolos são elementos que se reconhecem tradicionalmente e, por isso, são portadores de uma mensagem que parte do conhecido para o desconhecido;
- d) fluidez, isto é, um símbolo pode significar coisas diferentes em contextos diferentes.

²⁰ Davidson reconhece três formas para o cumprimento dessa tipologia: (a) cumprimento cristológico, pois o próprio Cristo deve ser reconhecido como templo, conf. Jo 1:14; 2:21; (b) cumprimento eclesiológico, pois a igreja deve ser reconhecida como templo de Deus, cf. 1Co 3:16-17; 2Co 6:16; e (c) cumprimento apocalíptico, pois Cristo ministra ainda no antítipo santuário celestial em favor dos crentes. Identifica ainda os elementos da tipologia como sendo (i) historicidade, pois há uma correspondência histórica entre tipo e antítipo; (ii) essência profética, pois o tipo é sempre uma antecipação do antítipo; (iii) essência escatológica, pois as realidades tipificadas têm relevância para os eventos relacionados ao final dos tempos; (iv) essência cristológica e soteriológica, pois as realidades tipificadas têm relevância para a salvação do homem e seu relacionamento com Cristo Jesus; (v) essência eclesiológica, pois as realidades tipificadas têm relevância para os adoradores tanto como indivíduos quanto como comunidade. *Ibid.*, 99-102.

²¹ Strand, *Interpreting...*, 25.

²² Enrique Becerra, “El lenguaje simbólico de las Escrituras.” Em *Ministerio Adventista*, janeiro e fevereiro de 1990, 9-11.

A Importância de Apocalipse 4 e 5 para a Teologia Adventista

Ellen White faz uma recomendação de que o estudo do capítulo 5 de Apocalipse é especialmente relevante para os últimos dias.²³ No entanto, de acordo com Alberto Treiyer, “um dos maiores problemas que se apresentam aos intérpretes modernos do Apocalipse diz respeito à natureza da visão dos capítulos 4 e 5.”²⁴

Além disso, F. B. Holbrook, referindo-se a Apocalipse 4-11, reconhece que o Comitê do Instituto de Pesquisa Bíblica sobre Daniel e Apocalipse da Conferência Geral da IASD (doravante, DARCOM) “ainda não desenvolveu uma interpretação satisfatória dessas profecias que resolva todos os problemas inerentes a elas.”²⁵

O DARCOM tomou, em 1991, algumas importantes resoluções²⁶ quanto ao tema aqui abordado, entre elas:

- a) o livro de Apocalipse pode ser dividido em duas seções: uma histórica (1-14) e outra escatológica (15-22);
- b) os selos e as trombetas se cumprem em tempo histórico;
- c) os selos e as trombetas só têm um cumprimento²⁷;
- d) Apocalipse 4 e 5 formam uma unidade e descrevem a mesma cena²⁸;
- e) Apocalipse 4 e 5 retratam uma cena do trono no santuário celestial;
- f) a ênfase da cena está no sacrifício expiatório da cruz;
- g) a cena do trono não é o juízo investigativo de Dn 7:9, 10.

A partir da publicação dessas resoluções, houve uma movimentação entre os teólogos adventistas com o propósito de as confirmar ou refutar. Treiyer, por

²³ Ellen White, *Testimonies*, 9:267.

²⁴ Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment: From the Pentateuch to Revelation*, 474.

²⁵ F. B. Holbrook, “Issues in the Book of Revelation”, in *Ministry* (Janeiro de 1991), 10.

²⁶ Uma lista completa das resoluções pode ser encontrada em Holbrook, 9.

²⁷ Rejeitando, assim, o princípio apotelemático de Desmond Ford, *Daniel* [título grafado com letras hebraicas] (Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1978), que defende que todas as profecias, inclusive as apocalípticas, eram condicionais e passíveis de diversos cumprimentos. E levantando reservas quanto a uma aplicação aqui do método conhecido como “filosofia da história”, que prevê diversos cumprimentos para as profecias bíblicas: escatologia inaugurada (“inaugurated”), conectada com o primeiro advento de Cristo; realizada (“appropriated”), que focaliza o desenvolvimento histórico da igreja, isto é, a tensão entre o “já” e o “ainda não”; e consumada (“consummated”), ligada apocalípticamente ao segundo advento de Cristo. Segundo Alberto R. Timm, *Desenvolvimento da Doutrina do Santuário no Contexto do Conflito Cósmico*, Classe Doutoral ministrada na Universidad Adventista del Plata, em 04/02/97, a rejeição pelo DARCOM de mais de um cumprimento para as profecias apocalípticas se aplica exclusivamente às profecias com elementos de tempo.

²⁸ Descartando, assim, a chamada “Teoria das Analogias Apocalípticas Judaicas”, que defendia que eram duas unidades distintas. Cf. L. W. Hurtado, “Revelation 4-5 in the Light of Jewish Apocalyptic Analogies”. Em *JSNT* 25 (1985). Citado por Treiyer, 495.

exemplo, ainda que defensor do método historicista, insinuou que o DARCOM forçou uma interpretação com a finalidade de desacreditar o método futurista. Esses confrontos resultaram, entre os historicistas, em três tendências concorrentes na interpretação dos capítulos 4 e 5:

- a) a cena do trono ocorre no primeiro compartimento do santuário celestial e revela o **ministério contínuo** de intercessão realizado por Jesus no Lugar Santo;²⁹
- b) a cena do trono representa o **ministério completo** da salvação;³⁰
- c) a cena do trono revela o **ministério final** de Jesus no Lugar Santíssimo, isto é, o juízo investigativo.³¹

As duas primeiras posições pressupõem que a visão desses capítulos se refere à inauguração do santuário celestial no início da era cristã; a última delas, que a visão se refere à cena de julgamento no final dos tempos. Optar por uma delas é fator decisivo, já que as duas primeiras posições entendem tanto os selos quanto as trombetas como projeções daquele tempo para o futuro; enquanto que a

²⁹ Defendida, entre outros, por: C. M. Maxwell, *God Cares: The Message of Revelation for You and Your Family* (Boise, Idaho: Pacific Press, 1985), 164-171; S. Japas, "Cristo en el Lugar Santo", *Ministerio Adventista* (Maio, Junho de 1984), 8-15; Richard M. Davidson, "Sanctuary Typology". Em: Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1992), 99-130. Livro I. Jon Paulien, "The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of the Book of Revelation". *Andrews University Seminary Studies*, Autumn 1995, vol. 33, n. 2, 245-264. Ranko Stefanovic, *The Background and Meaning of the Sealed Book of Revelation 5* (dissertação doutoral orientada por Jon Paulien e defendida, na Andrews University, em 1995).

³⁰ Defendida, entre outros, por: Kenneth Strand, "Victorious-introduction scenes in Revelation," *Andrews University Seminar Studies* 25 (1987).

³¹ Defendida, entre outros, por: Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and...*, 474-503; *El enigma de los sellos y las trompetas a la luz de la visión del trono y de la recompensa final*: R. Dean Davis, *The Heavenly Court Scene of Revelation 4-5* (Berrien Springs, Michigan: Doctoral Dissertation, 1986). Cf. o resumo de sua tese publicado no *AUSS*, vol. 25, n. 3, Outono de 1987, 301-302. Ele declara que, em Apocalipse 4 e 5, está registrada "uma cena do tribunal celestial." Além disso, Davis apresentou ainda uma monografia intitulada "A Cena de Juízo do Tribunal Celestial de Apocalipse 4 e 5" ao DARCOM, no Newbold College, em março de 1988. Entendo, então, que, mesmo tendo tido como orientador de sua tese a Kenneth Strand, Davis não corrobora sua interpretação de Apocalipse 4 e 5; James Valentine, *Theological Aspects of the Temple Motif in the Old Testament and Revelation* (Ann Arbor, Michigan: UMI, 1985), 264, 269-270. Essa é sua dissertação para obter seu PhD na Universidade de Boston. Valentine, em 1975, já havia obtido um M.Div. na Andrews University. Mario Veloso, "The Doctrine of the Sanctuary and the Atonement as Reflected in the Book of Revelation," em A. V. Wallenkampf & W. R. Leshner (ed.), *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical and Theological Studies* (Washington, D.C.: Review & Herald, 1981), 394-419. No entanto, recentemente, por acasão do "Foro para os amantes de poesia," no I Congresso Iberoamericano de la Educación Adventista, em fevereiro de 1997, na Universidad Adventista del Plata, falei pessoalmente com o Dr. Veloso e ele me disse que está reestudando sua posição e deve se pronunciar a respeito em seu comentário sobre Apocalipse, que será publicado em breve pela Pacific Press; E. R. Thiele, *Outline Studies in Revelation* (Berrien Springs, Michigan: Emmanuel Missionary College, 1959), 85-161.

última posição entende que selos e trombetas são uma recapitulação dos principais eventos da era cristã que são revistos no tribunal do céu.

Para efeito de esclarecimento, pode-se chamar a posição (a) de “posição da inauguração”; (b) de “posição do ministério completo”; e a posição (c), de “posição do juízo investigativo” ou “ministério final”.

As dificuldades com que nos deparamos quando analisamos essas diferentes posições acerca de Apocalipse 4-5 são muitas e com diversas implicações. No entanto, uma definição da terminologia empregada nessa seção nos parece condição essencial para que cheguemos à conclusão de a que evento se refere o texto. Portanto, nosso problema aqui é vincular a terminologia de Apocalipse 4-5 ou ao dia da expiação ou ao dia da inauguração do santuário. Antes que isso ocorra, no entanto, precisamos definir alguns de nossos pressupostos.

Primeiro, consideramos como válidas as investigações de outros pesquisadores que têm demonstrado que os capítulos 4 e 5 de Apocalipse formam uma unidade perfeitamente construída.³²

Segundo, não nos propomos a investigar se a terminologia de Apocalipse 4-5 é ou não forense, isto é, se está ou não relacionada ao processo de julgamento, pois há atualmente uma certa unanimidade, entre historicistas, de que tal terminologia está ausente.³³

Terceiro, não tentamos investigar a que vínculo cúltico do AT se liga a cena de Apocalipse 4-5 porque há também certa unanimidade, entre historicistas, de que esse vínculo é encontrado em referência ao templo salomônico e não em referência ao tabernáculo mosaico ou a outro contexto.³⁴

Finalmente, não pretendemos fazer um exame exaustivo dos escritos de Ellen White acerca do tema, pois aceitamos como válida a declaração de Jon Paulien de que, segundo sua pesquisa exaustiva de “todas as declarações nos índices escriturísticos disponíveis dos escritos de Ellen White”³⁵:

- a) “Ellen White compreendeu os eventos dos selos e das trombetas como ocorrendo sob a rubrica do primeiro compartimento do santuário

³² Cf. Jean-Pierre Prévost, *Para leer el Apocalipsis*, 89. Veja-se ainda (conforme mencionado acima) a dissertação de doutorado de R. Dean Davis (então Chefe do Departamento de Religião do Atlantic Union College), intitulada *The Heavenly Court Scene of Revelation 4-5*, orientada por Kenneth Strand e completada, na Andrews University, em dezembro de 1986. Cf. *Andrews University Doctoral Dissertation Abstracts*.

³³ “A linguagem explícita de julgamento está totalmente ausente da cena [Ap 4:1-5:14]” Jon Paulien, “Seals and Trumpets: Some Current Discussions”. Em Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1992), 183-198. Livro 1, 187. Paulien repete essa asserção em seu artigo “The Seven Seals”: “João estudadamente evita a linguagem de julgamento nesta cena de trono.” *Ibid.*, 210.

³⁴ Treiyer, *The Day of Atonement...* 472; _____, *El enigma...*, 22; Davis, *AUSS*, 301.

³⁵ Jon Paulien, “Appendix A: Ellen G. White and Revelation 4-6”. Em: Frank B. Holbrook, *Symposium on Revelation: Introductory and Exegetical Studies* (Hagerstown, MD: Review & Herald, 1992), 363-373. Livro 1.

celestial. O ministério do Segundo Compartimento só entra em vista em Apocalipse 11:19.³⁶

- b) Ellen White uma única vez atribui importância a essa seção de Apocalipse. Ela o fez em seu discurso da seção da Conferência Geral de 1909 intitulado “Uma Distribuição de Responsabilidades” e ela parece associá-la ao julgamento (embora sua declaração seja ambígua e nenhuma conclusão definitiva possa ser tirada);³⁷
- c) Ellen White, em suas outras referências, liga essa seção à entronização de Cristo por ocasião de Sua ascensão;³⁸
- d) Ellen White entende que o livro de Daniel é desvendado quando se rompem os selos do livro de Apocalipse 5:1, mas não se pode estar seguro que ela identifica o livro de Daniel como sendo o mesmo livro de Apocalipse 5:1.³⁹

O objetivo desse artigo é, portanto, fazer uma breve revisão historiográfica da interpretação de Apocalipse 4-5 na teologia adventista tradicional e apontar por que a teologia adventista recente tem preferido interpretar tal visão como uma referência ao evento da inauguração do templo salomônico (evento de

³⁶ *Ibid.*, 364.

³⁷ “Mas o homem que pensa que, caso confessasse seus pecados, demonstraria fraqueza, não encontrará perdão. Não verá a Cristo como seu Redentor, mas continuará em sua transgressão, cometendo uma impropriedade após a outra, e pecado após pecado. O que alguém assim fará no dia em que os livros forem abertos e todo homem for julgado de acordo com o que estiver nos livros? O quinto capítulo de Apocalipse precisa ser meticulosamente estudado. Ele é de grande importância para aqueles que desempenharão uma parte na obra de Deus para esses últimos dias. Há alguns que estão enganados. Eles não percebem o que vai acontecer na terra. Aqueles que permitiram que sua mente se tornasse enevoada com respeito ao que constitui pecado encontram-se temerosamente enganados. A menos que façam uma mudança decidida eles serão achados em falta quando Deus pronunciar juízo sobre os filhos dos homens. Eles transgrediram a lei e quebrantaram o concerto eterno, e eles receberão a retribuição devida. Esse trecho encontra-se reproduzido em *Testimonies for the Church*, 9:267.

³⁸ “Os braços do Pai circundam o Filho, e é dada a ordem: ‘E todos os anjos de Deus O adorem’ [Hb 1:6]. Com inexprimível alegria, governadores, principados e potestades reconhecem a supremacia do Príncipe da Vida. A hoste dos anjos prostra-se perante Ele, ao passo que enche todas as cortes celestiais a alegre aclamação: ‘Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e força, e honra, e glória, e ações de graças!’ [Ap. 5:12]. Hinos de triunfo misturam-se com a música das harpas angélicas, de maneira que o Céu parece transbordar de júbilo e louvor. O amor venceu. Achou-se a perdida. O Céu ressoa com altissonantes vozes que proclamam: ‘Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graça, e honra, e glória, e poder para todo sempre’ [Ap 5:13]”. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 7ª. ed. (Santo André, SP: CPB, 1965), 621.

³⁹ Cf., por exemplo, sua declaração: “Foi o leão da tribo de Judá que abriu o livro, e deu a João a revelação do que deve acontecer nestes últimos dias... O livro de Daniel é descerrado na revelação de João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra. Terão nossos irmãos em mente que estamos vivendo em meio aos perigos dos últimos dias? Lede Apocalipse em conexão com Daniel. Ensinai essas coisas”. Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, 3ª. edição (Tatuí, SP: CPB, 1993), 115.

entronização da Divindade) e não mais como uma referência ao dia da expiação.

Apocalipse 4 e 5 na Teologia Adventista Tradicional

Os capítulos 4 e 5 de Apocalipse têm sido diversamente interpretados por diferentes teólogos adventistas, dentre eles: Uriah Smith, Edwin R. Thiele, Roy A. Andersen e C. M. Maxwell.

Uriah Smith, grande expoente da escatologia nos anos iniciais da IASD, ao se referir a tais capítulos, elabora acerca das diferenças entre uma porta aberta **para o céu** (como no caso de Estêvão, em Atos 7:56) e uma porta aberta **no céu** (isto é, em um lugar específico do céu). Ele interpreta os 24 anciãos como sendo “assistentes de Cristo em Sua obra mediatória no santuário do alto,”⁴⁰ o mar de vidro como “uma analogia da bacia do antigo serviço típico,”⁴¹ as sete lâmpadas como um tipo do candelabro de ouro do santuário mosaico e os seres viventes como “uma parte da grande multidão.”⁴² Smith compreende a visão de louvor do capítulo 5 como antecipatória, mas não dá uma definição explícita do livro selado nem da natureza geral da visão. Apesar disso, faz alusão à obra de aplicação do sangue do Cordeiro e do manuseio do incenso.⁴³ De modo geral, Smith parece situar essa cena como ocorrendo no Lugar Santo.

Thiele, por sua vez, interpreta os 24 anciãos como “assessores do grande Juiz dos vivos e dos mortos, os espectadores de tudo o que transpira no céu e na terra, e participantes no julgamento dos pecados do mundo.”⁴⁴ Ele lamenta a tradução da King James Version acerca da palavra *zoa*, que ele associa a anjos “com importantes responsabilidades em conexão com os serviços do santuário e a obra de Deus na salvação e julgamento dos homens,” ligando-os aos querubins do Lugar Santíssimo.⁴⁵ Além disso, Thiele define o livro selado como “o grande livro do destino - o livro que, se aberto, revelará a sorte do mundo e de todos os que já viveram sobre ele.”⁴⁶ Interpreta-o como um livro de condenação. Esse autor relaciona o louvor de Apocalipse 5 tanto com o evento da entronização de Cristo como sumo sacerdote, quanto com Sua coroação depois do segundo advento. De modo geral, parece relacionar a cena de Apocalipse 4 e 5 com o Lugar Santíssimo.

Andersen, por outro lado, interpreta os 24 anciãos como integrantes de uma sessão de tribunal, “dignitários durante a sessão da corte.”⁴⁷ Em sua visão, esses

⁴⁰ Uriah Smith, *The Prophecies of Daniel and Revelation*, 410.

⁴¹ *Ibid.*, 411.

⁴² *Ibid.*, 412.

⁴³ *Ibid.*, 420-422.

⁴⁴ Edwin R. Thiele, *Outline Studies in Revelation*, 86.

⁴⁵ *Ibid.*, 89.

⁴⁶ *Ibid.*, 97.

⁴⁷ Roy A. Andersen, *Revelações do Apocalipse*, 62.

seriam reis-sacerdotes ministrando segundo a ordem de Melquisedeque. As sete lâmpadas de fogo, para ele, seriam emblemáticas da obra do Espírito Santo em favor dos pecadores humanos.⁴⁸ Os quatro seres viventes seriam símbolo do ministério evangélico de Jesus: realeza, em Mateus (leão); serviço, em Marcos (boi); humanidade, em Lucas (homem); e deidade, em João (águia). O livro selado seria um documento de resgate de posse (cf. Ef 1:13 e 14), por ocasião do jubileu cósmico (cf. Jr 32).⁴⁹ Este autor situa definitivamente a visão como sendo uma cena de juízo.

Maxwell, ao interpretar os 24 anciãos, os vê como “sacerdotes, com incensários oferecendo incenso enquanto as pessoas oravam.”⁵⁰ Seriam seres humanos escolhidos dentre as pessoas que Deus levantou dos mortos quando Jesus ressuscitou (cf. Mt 27:51-53 e Ef 4:8). No entanto, ele mesmo reconhece uma certa dificuldade com tal posição uma vez que a evidência textual mais confiável é que os anciãos dizem que Cristo redimiu a “homens” (e não “nos redimiu”), em 5:9; e que Cristo fez “a eles” (e não “nos fez”) reis e sacerdotes, em 5:10. Outrossim, segundo o autor, os seres viventes são querubins, indubitavelmente. Ainda, para Maxwell, a mesa dos pães da proposição seria um símbolo do trono de Deus.⁵¹ Como, segundo ele, há ausência de terminologia de julgamento em 4-5, a visão se referiria, então, à coroação de Jesus como Rei e Sacerdote. Não haveria aqui, portanto, uma cena de juízo, mas de inauguração do santuário celestial. Assim, a cena se situaria indiscutivelmente no Lugar Santo. As principais críticas que têm sido dirigidas contra sua compreensão acerca da mesa da proposição como sendo um tipo do trono de Deus são as seguintes:

- a) a orientação do ministério contínuo era na direção oeste (onde se encontrava a arca) e não na direção norte (onde estava a mesa);
- b) o móvel do Lugar Santo que se encontrava, durante o ano, mais perto da presença de Deus era o altar de incenso, não a mesa dos pães.

Na controvérsia mais recente acerca da interpretação da cena do trono de Apocalipse 4 e 5, diversos modelos interpretativos têm sido propostos. O principal ponto de polêmica, no entanto, é entender tal cena ou como uma visão de inauguração do santuário celestial (e, portanto, de entronização do Senhor Jesus Cristo) ou como uma visão do dia da expiação (e, portanto, da instauração do tribunal celestial para dar início ao juízo investigativo).

Essas diferenças giram, principalmente, sobre a compreensão de como o santuário pode ser o lugar da habitação de Deus. Ainda que os diferentes proponentes entendam que Deus habita na totalidade do santuário, os argumentos se prolongam acerca dos locais que podem ser tipologicamente associados à

⁴⁸ *Ibid.*, 63.

⁴⁹ *Ibid.*, 64-65.

⁵⁰ C. M. Maxwell. *God Cares: The Message of Revelation for You and Your Family*, 164-171.

⁵¹ Maxwell denomina o trono de 4:2 como “a mesa trono”. *Ibid.*, 163-167.

presença da Divindade.

Salim Japas, por exemplo, declara que: “ é certo que há três lugares em que Sua [de Deus] **presença pessoal** é singularizada: na arca do concerto, no altar de incenso e na mesa da proposição,”⁵² mas adverte, ainda, que “o trono de Deus não está limitado com exclusividade ao Lugar Santíssimo e à arca do concerto.”⁵³

Por outro lado, Treiyer garante que “ os hebreus não criam que Deus necessitava deslocar-Se para poder ser onipresente”⁵⁴ e insinua que o lugar específico da presença de Deus no santuário era o Lugar Santíssimo.

O Modelo Interpretativo de Strand

Segundo Kenneth Strand, em um escopo mais amplo, todo o Apocalipse é estruturado em um modelo quiástico geral.⁵⁵ O livro poderia ser dividido em oito visões básicas que seriam sub-divididas em:

- a) uma cena introdutória de vitória;
- b) uma descrição profética básica;
- c) um interlúdio;
- d) e uma culminação escatológica.

A primeira e a última visões, dentro da disposição quiástica, teriam uma estrutura mais simples, contando apenas com (a) e (b). As demais seriam visões completas, compostas dos quatro elementos.

O plano geral da proposta de Strand seria:

PRÓLOGO: 1:1-10a

VISÕES DA ERA HISTÓRICA

I	II	III	IV
1:10b-3	4-8:1	8:2-11:18	11:19-14

VISÕES DA ERA ESCATOLÓGICA

V	VI	VII	VIII
15-16:17	16:18-18	19-21:4	21:5-22:5

EPÍLOGO: 22:6-21

A visão do trono (capítulos 4 e 5) cairia, nesse modelo, no que considera ser a segunda visão da era histórica. Sua compreensão desta é expressa na sistematização que apresenta do episódio:

⁵² Japas, 12.

⁵³ Japas, 12.

⁵⁴ Treiyer, “La visión...”, 28.

⁵⁵ Kenneth A. Strand, “The Eight Basic Visions in the Book of Revelation”, 107.

Visão 2, 4:1-8:1

Bloco A, Cena Introdutória de Vitória, Capítulos 4 e 5

João vê um trono colocado no céu, com um mar de vidro e sete lâmpadas de fogo diante do trono, e com quatro seres viventes e 24 anciãos ao redor do trono. Numa cena dramática e cheia de suspense, a declaração é feita de que somente o Cordeiro imolado é capaz de receber um rolo com sete selos das mãos daquele que se encontra sentado sobre o trono e quebrar os selos para abrir o rolo. O Cordeiro recebe, então, o rolo, e hinos de louvor ascendem dos quatro seres viventes, dos 24 anciãos e de todo o universo.

Bloco B, Descrição Profética, Capítulo 6

Os primeiros seis selos do rolo são quebrados e, como resultado disso, quatro cavaleiros partem, almas sob o altar clamam “quanto tempo” até que haja juízo e vindicação para elas. e sinais são produzidos na terra e no céu acerca do julgamento iminente.

Bloco C, Interlúdio, Capítulo 7

A seqüência é interrompida para dar lugar ao selamento dos 144 mil durante o tempo do fim.

Bloco D, Culminação Escatológica, 8:1

O sétimo selo é aberto, e, então, por isso, há “silêncio no céu” por meia-hora.

Strand situa a cena do trono de Apocalipse 4 e 5 explicitamente no compartimento santo do santuário celestial.⁵⁶ As conseqüências mais imediatas deste modelo para uma interpretação dessa cena são:

- a) não se pode interpretar o mar de vidro como uma referência a pia do tabernáculo de Moisés (Êx 30:18; 38:8) nem como o “mar de fundição” ou as dez pias do templo salomônico (1Rs 7:23-39), pois isso colocaria a cena no pátio. Strand soluciona essa dificuldade, ligando-o ao “firmamento” sobre as cabeças dos seres viventes e sob o trono de Deus em Ez 1:22-28 e 10:1.⁵⁷
- b) o rolo selado é visto como “um livro do destino” pois, para Strand, são as recompensas escatológicas que se distribuem no término da história deste planeta.⁵⁸
- c) o trono de Deus não fica limitado exclusivamente ao lugar santíssimo do santuário celestial, mas poderia deslocar-se de um compartimento para outro;⁵⁹

⁵⁶ Strand, “Victorious...”, 271.

⁵⁷ Aparentemente, ele tira este *insight* de Robert H. Mounce, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, Michigan: NICNT, 1977), 136-137. Mounce associa as duas imagens e também faz referência a imagens semelhantes em 2 Enoque 3:3 e Salmo 104:3.

⁵⁸ Contrariando Mounce, 142 que o entende como “a história do futuro a partir da perspectiva de João.”

⁵⁹ Um argumento que corrobora esse aspecto é o fato de que as varas usadas para transportar a arca (Êx 25:15) na cerimônia de inauguração do templo salomônico foram deliberadamente deixadas junto à arca no Lugar Santíssimo para enfatizar seu caráter móvel e a natureza dinâmica da presença

- d) há um conceito subjacente de que, com base no relato do véu rasgado de Mt 27:51, a arquitetura do santuário foi alterada de dois para um compartimento apenas, em uma analogia com Hb 10:20.

Algumas críticas têm sido dirigidas ao modelo de Strand como, por exemplo:

- a) o fato de que a visão de Jesus entre os candelabros (1:9-20) é colocada na terra, e não no Lugar Santo, perdendo-se a simbologia de que a Igreja vive espiritualmente em “lugares celestiais” (Ef 1:6, 18);
- b) os textos que indicam o movimento do trono de Deus se ligam, geralmente, a uma terminologia de julgamento (Is 6; Ez 1-10; Dn 7:9-10, 13-14);
- c) o argumento de que Deus não pode ser contido por compartimentos parece levar à conclusão de que Deus tem que viver “do lado de fora” (o que parece ser apenas um mero reflexo do problema teológico de conciliar a onipresença de Deus com o fato de Ele habitar no santuário (cf. 1Rs 14:22; 15:5, 11, 26, 34; 16:19,30; 22:52; etc.);
- d) a alegação que faz de que as portas do céu já haviam sido abertas (cf. Hb 10:20 e Mt 27:51) e que, portanto, não mais havia necessidade de que fossem abertas, parece ser contrariada por Ap 11:19; 15:5.

O Modelo de Paulien

O segundo modelo de interpretação de elementos cúltricos em Apocalipse, conforme proposto por Paulien,⁶⁰ teria o seguinte formato:

Prólogo (1:1-8)

- Cena Introdutória (1:9-20)
 - As Sete Igrejas (2:1 - 3:22)
- Cena Introdutória (4:1 - 5:14)
 - Os Sete Selos (6:1 - 8:1)
- Cena Introdutória (8:2-6)
 - As Sete Trombetas (8:7 - 11:18)
- Cena Introdutória (11:19)
 - A Ira das Nações (12:1 - 15:4)
- Cena Introdutória (15:5-8)
 - A Ira de Deus (16:1 - 18:24)
- Cena Introdutória (19:1-10)
 - O Juízo Final (19:11 - 20:15)
- Cena Introdutória (21:1-8)
 - A Nova Jerusalém (21:9 - 22:5)

de Deus. Cf. Rice, 60.

⁶⁰ Jon Paulien, “The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of the Book of Revelation.” *Andrews University Seminary Studies*, Autumn 1995, vol. 33, n. 2, 245-264. O modelo de Paulien é um desenvolvimento da proposta de K. Strand, “The Eight Basic Visions.” *Andrews University Seminary Studies* 25 (1987), 108., da qual difere ligeiramente.

Epílogo (22:6-21)

Segundo o autor, a presença de linguagem cúltica em cada uma das cenas descritas no Apocalipse seria o elo de ligação entre o livro e a liturgia veterotestamentária. Assim, ele apresenta evidências de alusões litúrgicas em cada uma das cenas do livro e conclui afirmando que:

Essas cenas introdutórias do santuário, portanto, mostram duas linhas definidas de progressão. Em primeiro lugar, a atenção do leitor é dirigida da terra para o céu e, então, de volta à terra. Em segundo lugar, dentro da porção que ocorre no céu da seqüência céu/terra, o leitor é levado da inauguração do santuário celestial/sala do trono, através de seus dois compartimentos litúrgicos até a cena da cessação, seguida por sua ausência.⁶¹

A seguir, Paulien ilustra seus argumentos com o seguinte diagrama:

(1) Ap 1:12-20	TERRA
(2) Ap 4 e 5 (Inauguração)	
(3) Ap 8:3-5 (Intercessão/câmara exterior)	
(4) Ap 11:19 (Julgamento/câmara interior)	CÉU
(5) Ap 15:5-8 (Cessação)	
(6) Ap 19:1-10 (Ausência)	
(7) Ap 21:1-22:5	TERRA

As conclusões explicitadas por Paulien acerca de seu modelo são quatro:

- a) Paulien não vê o relato de Apocalipse como um conjunto de “contos” independentes com uma conexão relativa entre eles. Para ele, a narrativa seguiria uma trama urdida linearmente (isto é, um fluxo natural de ação, do princípio ao fim) com eventuais (mas momentâneas) interrupções,⁶² sob a forma de espirais localizados.⁶³
- b) Se a seqüência por ele estabelecida reflete realmente a progressão que vai da inauguração do santuário até seu fechamento, então **as oposições normalmente associadas pela mentalidade judaica aos serviços do templo**⁶⁴ se repetem aqui: céu/terra; diário/anual; primavera/outono. Assim, a primeira parte do livro (baseada nos sacrifícios diários) focalizaria as festas da primavera, com a inauguração e intercessão

⁶¹ Paulien, “The Role...”, 254.

⁶² Para uma compreensão de uma proposta alternativa para essas interrupções recapitulativas, ver: Charles Homer Glibin, “Recapitulation and the Literary Coherence of John’s Apocalypse.” *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 56, n. 1, janeiro de 1994, 81-95. Em sua proposta, Glibin apresenta, inclusive, um esboço esquemático de Apocalipse.

⁶³ Nomenclatura também empregada por Davidson, Davidson, 116.

⁶⁴ Michael Harris, “Text in Vision/Vision in Text: Toward an ‘Open’ Poetics for the Apocalypse of John”, monografia lida no Encontro Anual da SBL, em Anaheim, Califórnia, de 28 a 21 de novembro de 1989. Citado por Paulien, 262.

providas pelo Cristo cósmico; e a segunda parte (baseada nos sacrifícios anuais) enfocaria as festas de outono, com o juízo e a interrupção da intercessão.⁶⁵

- c) Essa abordagem pressuporia a divisão do livro de Apocalipse em uma parte histórica e outra escatológica, corroborando a proposta quiástica de Strand⁶⁶ para o livro e aproximando-o das porções apocalípticas de Mateus 24 e 2 Tessalonicenses 2:3-12⁶⁷ e confirmando as resoluções tomadas pelo DARCOM, conforme declarado acima.
- d) O leitor ideal para o livro de Apocalipse é alguém que tem competência nas práticas litúrgicas do culto hebreu. E, como corolário disso, o uso metafórico da imagística cúlrica já era, provavelmente, bem divulgado entre os cristãos primitivos.

O modelo de Paulien também apresenta inconveniências:

- a) E. White sugere que, ao ascender aos céus, Jesus foi entronizado no Lugar Santíssimo;⁶⁸
- b) não se produziu, até hoje, evidência favorável a uma terminologia da inauguração.

O Modelo de Treiyer

O terceiro modelo de interpretação de Apocalipse 4 e 5 não se liga tanto a uma proposta de interpretação geral do livro de Apocalipse, mas especificamente à interpretação dos selos e das trombetas.

Essa posição, defendida, entre outros, por Alberto R. Treiyer,⁶⁹ sustenta que, diferentemente do que ocorria nos atos inaugurais do santuário, em que as duas portas (a do Lugar Santo e a do Lugar Santíssimo) se abriam, João vê apenas uma porta aberta, que era uma característica do dia da expiação.

Treiyer propõe três representações gráficas para dar conta das possibilidades relacionadas à abertura de portas no santuário:

⁶⁵ Para uma compreensão de uma interpretação paralela a essa proposta, ver:

M. D. Goulder, "The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies". Em *New Testament Studies*, v. 27, nº 3, abril de 1981, 342-367.

⁶⁶ Kenneth A. Strand, *Interpreting the Book of Revelation*. 2. de. (Naples, Flórida: Ann Arbor, 1979), 3-58. Citado por Paulien, 262.

⁶⁷ Essas passagens têm uma seção que lida com as realidades imediatas da era cristã (Mt 24:3-14 e 2Ts 2:3-7) e outra que aborda o clímax da parousia (Mt 24:15-31; 2Ts 2:8-12).

⁶⁸ "Ali está o trono, e em derredor o arco-íris da promessa. Ali estão os querubins e os serafins." *Desejado de Todas as Nações*, 620.

⁶⁹ Alberto R. Treiyer. *El enigma de los sellos y las trompetas a la luz de la visión del trono y de la recompensa final*.

_____. *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment: From Pentateuch to Revelation*.



Inauguração do Santuário

Ministério Contínuo

Dia da Expição

As ocasiões em que a glória de Deus se manifestava (e os compartimentos terrenos ficavam ligados entre si) eram a inauguração do santuário (cf. Êx 29:43-44; 40:9, 34-35; Lv 9:23; 2Cr 7:1-2; Ez 43:1-5) e sua purificação final no dia da expiação (Lv 16:2, 12-13, 17). Nos atos inaugurais, os móveis do Lugar Santíssimo, do Lugar Santo e do pátio eram ungidos com óleo, e a glória de Deus descia e penetrava em seu interior (Êx 40; Lv 9:23-24). As duas portas ficavam abertas para essa unção: a que separava o pátio do Lugar Santo, e a que separava este do Lugar Santíssimo.

No serviço diário ou “contínuo”, a única porta que ficava aberta era aquela que se comunicava com o pátio. A porta de acesso ao Lugar Santíssimo permanecia fechada (Lv 16:2). Finalmente, ao terminar o ano, no dia da expiação, a porta que separava o pátio do primeiro compartimento ficava fechada durante o ofício (Lv 16:7), e se abria a porta de acesso ao Lugar Santíssimo (Lv 16:2, 12-13, 29, 34).

Além disso, segundo ele, é irrelevante tentar fundamentar que a visão de Apocalipse 4 e 5 se refere ao Lugar Santo porque esperava-se que a inauguração do santuário e da Nova Aliança ocorresse no Lugar Santíssimo, conforme anunciado pela profecia de Dn 9:24.⁷⁰ No entanto, é óbvio que compreender se se trata de uma cena de inauguração ou de juízo é imprescindível para a compreensão da função e objetivo dos selos e das trombetas.

Treiyer não vê, em sua interpretação, nada que impeça uma compreensão dos capítulos 1-14 como constituindo uma seção histórica. Ele alega que uma das tarefas desse juízo instalado em 4 e 5 é justamente fazer uma “retrospectiva das grandes características que a igreja possuiu através de sua história.”⁷¹

As principais dificuldades do modelo de Treiyer são:

- a) quando nega o fato de a mesa da proposição poder ser um tipo do trono de Deus, pode estar negando também a possibilidade de que a mesa do Lugar Santo seja um símbolo da comunhão desfrutada pelos crentes com Jesus: assentados juntos à mesa (cf. Rm 8:29 e Hb 3:6);
- b) quando atribui ao Lugar Santíssimo um caráter mais santo que o do Lugar Santo, pode não estar percebendo que o termo “*qodesh qodasim*” (Lugar Santíssimo) é também aplicado a todo o santuário (Ez 45:3), ao

⁷⁰ *The Day of Atonement...*, 478. *El enigma...*, 23.

⁷¹ Alberto R. Treiyer, *El enigma...*, 96.

- monte sobre o qual se construiu o templo (43:12); ao conjunto da mesa, altar e candelabro (30:27-29); e ao altar de sacrifícios (29:37; 40:10);
- c) não está levando em consideração que a visão apresenta um único livro (5:1), enquanto que cenas de juízo geralmente apresentam “livros” (Dn 7:9, 10);
- d) além disso, não há evidências de uma terminologia de juízo em Apocalipse 4 e 5.

A Visão de Apocalipse 4 e 5 na Perspectiva de Alguns Autores Não-Adventistas

Diversas ligações têm sido estabelecidas entre Apocalipse 4 e 5 e uma cena de inauguração e entronização por alguns escritores não adventistas. Esses escritores sustentam que os acontecimentos de tais capítulos não têm conotações judiciais. O testemunho desses intérpretes tem seu valor uma vez que, com muita probabilidade, não estão cientes das disputas que acontecem agora na IASD acerca do tema. A título de exemplificação, os seguintes nomes poderiam ser mencionados:

- a) Collins estabelece uma comparação entre a cena de Apocalipse e uma visão do trono em Enoque. Apesar de reconhecer que o episódio de Enoque está mais próximo a Dn 7, o autor afirma que “a cena não é especificamente uma cena de juízo.”⁷² É interessante que, logo a seguir, o autor reconhece no capítulo 17 daquele livro uma terminologia ostensiva de juízo.⁷³
- b) Prévost declara que “a cena global equivale a uma **liturgia de entronização**, já que o Cordeiro é chamado a compartilhar o trono de Deus e se lhe reconhecem as prerrogativas reais e judiciais que daí se depreendem.”⁷⁴ Com respeito a Apocalipse 4, este autor declara que João conseguiu reunir em um único capítulo as quatro maiores teofanias do AT: a da sarça ardente (Êx 3), a do Sinai (Êx 19-24), a do templo de Jerusalém na vocação de Isaías (Is 6) e a de Babilônia às margens do rio Quebar, no caso da vocação de Ezequiel (Ez 1). Tudo isso é feito com a finalidade precípua de mostrar que se pode ter acesso a Deus. E, então, depois de ter oferecido uma verdadeira sinfonia de teofanias do AT, João introduz a sua cristofania. O trono, embora tenha geralmente simbologia judicial, teria aqui simbologia real.⁷⁵

⁷² John J. Collins, “The Apocalyptic Technique: Setting and Function in the Book of Watchers.” Em *The Catholic Biblical Quarterly*, janeiro de 1982, 102.

⁷³ Collins, 103.

⁷⁴ Jean-Pierre Prévost, *Para leer el Apocalipsis* (Estrella, Espanha: Verbo Divino, 1994), 89.

⁷⁵ Prévost, 90-96.

- c) H. Wilkinson fez um estudo interessante mostrando que uma cena de coroamento está em processo desde Apocalipse 3:12, pois, segundo ele, o “pilar” ali mencionado está associado aos antigos rituais de entronização.⁷⁶

Essa última posição (de Wilkinson) merece uma maior elaboração porque tem um reflexo na análise terminológica de Apocalipse 3 e 4: O uso cúltico de pilares, difundido ubiquamente entre os cananeus, era proibido aos israelitas (Êx 23:24), mas se tornou um símbolo de aliança (Gn 31:45ss; 35:20; Êx 24:4; Js 4:1-9; 24:26; 1Sm 7:12, etc.). A LXX, em Jz 9:6, insinua que um pilar figurou na coroação de Abimeleque, em Siquém. Outros exemplos da importância de um pilar em cerimônias de entronização podem ser vistos em Josias (2Rs 23:3; 2Cr 34:31) e Joás (2Rs 11:14).

Se a proximidade do rei ao pilar era significante pois era vista como um reflexo da relação do monarca com o culto, ou como um método fisicamente tangível de expressar a estabilidade e a duração de seu reino, não se sabe.⁷⁷

Portanto, apesar de se referir primariamente ao processo de coroação dos crentes em Apocalipse 3:12, Wilkinson parece deixar aberta a possibilidade de que o capítulo 3 e os capítulos 4 e 5 de Apocalipse sejam, de fato, visões seqüenciadas de cenas de entronização: primeiro dos crentes e, depois, de Cristo.

Não se quer dizer com isso, absolutamente, que haja uma unanimidade favorecendo a uma posição de inauguração/entronização em meios teológicos não adventistas. Reconhece-se que, em tais meios, conforme declara R. H. Charles, seria natural concluir que a cena se passe no Lugar Santíssimo,⁷⁸ por duas razões:

- a) era ali que ficava a arca, símbolo inequívoco do trono de Deus;
- b) o trono, como cenário específico da manifestação de Deus, seria naturalmente considerado como estando no Lugar Santíssimo.

Apesar disso, esse mesmo autor reconhece, no entanto, que não é fácil harmonizar isso com elementos aparentemente inconsistentes como, por exemplo, a presença de 24 anciãos naquele lugar.⁷⁹

O que se quer destacar aqui é apenas que há intérpretes não adventistas que também entendem a visão como sendo uma referência a uma cena ocorrendo no Lugar Santo.

⁷⁶ Richard H. Wilkinson, “The *stylos* [vocabulo grafado com letras gregas] of Revelation 3:12 and Ancient Coronation Rites.” *Journal of Biblical Literature*, v. 107, nº 3, setembro de 1988, 498-501.

⁷⁷ Wilkinson, 500.

⁷⁸ R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of Saint John*, v. 1, 112.

⁷⁹ *Ibid.*

Conclusão

Como se percebe pela exposição acima, não há unanimidade, no meio adventista, com respeito à interpretação de um texto tão vital à compreensão do livro de Apocalipse, como é o caso da visão do trono e do livro selado. Essa visão é importante porque ela, de certa forma, define os parâmetros de interpretação da seção em que se inserem as trombetas.

Destarte, o que se percebe é que houve um desenvolvimento teológico que partiu de uma posição “insegura” com respeito à questão (talvez porque, no passado, tal assunto não fosse teologicamente relevante) em direção a uma posição favorável a uma cena de tribunal, movendo-se, mais recentemente, a duas posições conflituosas: interpretações da visão como cena de entronização/inauguração ou como cena de expiação/juízo.

A literatura adventista mais recente favorece cada vez mais a uma posição que interprete a unidade de Apocalipse 4 e 5 como sendo uma visão de entronização/inauguração. Holbrook, por exemplo, declara: “Apocalipse 5:6 é a primeira descrição sob forma de visão da entronização de Cristo ao lado do Pai.”⁸⁰

⁸⁰ Frank Holbrook, “Christ’s Inauguration.” *Journal of the Adventist Theological Society* 1 (nº 4): 42.